

5

JORNAL: Correio da Manhã (Itinerário das Artes Plásticas)
DATA: 19-09-64
LOCAL: Guanabara
TÍTULO: Serpa - 64: Nêo-Expressionismo ou Nova-Figuração?
AUTOR: Jayme Maurício

SERPA - 64: NÊO-EXPRESSIONISMO OU NOVA-FIGURAÇÃO?

achar, não copiar

E, novamente, somos chamados ao laboratório de experiências estéticas do insaciável criador de formas, técnicas, e feitos e emoções da Zona Norte. Há cerca de 14 anos que Ivan Serpa dá trabalho à crítica, a cada dois anos, obrigada a deslocar-se para o distante atelier do Méier, entre agastada e impaciente, surpresa e interessada. Pois é talvez o pintor mais típico do exemplo brasileiro de artista insatisfeito, pesquisador e profundamente sensível às mutações e instabilidades da arte da nossa época. Aos 40 anos, já terá cumprido umas dez fases nas quais funde uma visão muito pessoal de temas objetivos das vanguardas internacionais com o seu vigoroso talento pictórico, servido por um sólido conhecimento artesanal.

Há, precisamente, um ano atrás, saudando a mostra do pintor, na casa de Joaquim Tenreiro, quando se apresentava pela primeira vez na sua atual fase figurativa, lembramos todos esses aspectos polêmicos da pintura de Ivan Serpa, caracterizando-a como uma tentativa de rever problemas relativos à figura humana, numa dimensão dramática, tenebrosa mesmo, sem prejuízo do apuro técnico e seriedade, além de um refinado acabamento, que sempre marcaram todas as suas fases anteriores. Daquela mostra até os quadros mais recentes, vistos no acervo do Museu, em Veneza, e os desenhos da exposição que está realizando em Copacabana, verifica-se um amadurecimento, uma evolução no sentido da síntese e da profundidade. O anedótico de um expressionismo explosivo e nervoso deu lugar a uma serenidade essencial em torno da figura humana, já agora assexuada, grave e profundamente pungente; a estridência tonal cedeu aos tons baixos, com predominância de va

riações de pretos soturnos; e a preocupação de ocupar todo o espaço da tela sucedeu uma composição segura e despojada de efeitos plásticos secundários de mero apoio à figura central, para lhe dar uma riqueza maior.

Serpa ingressou, enfim, numa fase negra, da maior expressividade e importância, mergulhando febrilmente numa pintura que terá poucos consumidores, pertencendo quase que exclusivamente ao domínio puro de uma arte que recusa quaisquer possibilidades decorativistas, que recusará talvez a própria convivência cotidiana, tal a sua densidade, o forte apelo que provocará em nossas consciências, sobre o lado sombrio da condição humana.

Constatada a excelência de mais uma fase deste pintor tão inventivo, como situá-lo agora, ou melhor, como definir essa sua pintura, em face da constante vanguardista que, sabemos, marca profundamente essa inteligente e cultivada sensibilidade? Continuamos encontrando nela uma influência, ou uma coincidência, com as obras de Francis Bacon (distingüindo-se, entretanto, do pintor inglês pelo essencialismo e magnitude da figura, que não se apóia em nenhum plano ou acidente de simples efeito plástico) numa linha enriquecida mas não esgotada por um Ensor, um Beckmann, talvez um Odilon Redon, por um Cuevas, um Grassmann mais antigo, como já dissemos.

Mas, Serpa não é artista de repetir temas nem soluções, embora tenha sido um influenciável, como quase todos os brasileiros, em diversas fases da sua arte. Poder-se-á falar de uma retomada do filão expressionista para alcançar novos resultados, sobretudo em face do açodamento atual com a "nova-figuração"? Maturidade, que se afirma num encontro sincero e comovente com a sua própria personalidade, dispersa em caminhos estranhos, porém, saudáveis, de uma juventude inquieta, experimental, mas superficial? Talvez, ainda que a este argumento possamos opor a excelên

cia e honestidade de um concretismo bem concluído de um informalismo promissor e apressadamente abandonado, embora o êxito de crítica e público.

Excluimos, desde logo, qualquer aproximação com a nouvelle figuration, no sentido de que essa nova tendência é para nós um brotar imaginativo do conceito abstrato, uma aproximação com as formas instruídas da natureza partindo de alguma coisa que começa a ser reconhecida nesse magma ambíguo, que é a derivação informalista da arte abstrata. Chamar "nova-figuração" a umas formas naturais ou humanas pelo fato delas se expandirem, se encolherem ou se justaporem em outras formas reconhecidas, é ligeireza, pois estas já pertencem, em sua prioridade, a um patente sentido expressionista. A teorização da "nova-figuração" já é grande, porém, incipiente e vaga, e da nova tendência sabemos até agora apenas o que não é "nova-figuração". E a arte atual de Ivan Serpa não é "nova-figuração". Seria, antes, uma fluente sequência de outros temas e problemas. Serpa começaria a perceber o embrião das coisas (pelo menos o embrião das "suas" coisas), revelando em sua temática atual a grande coragem e consciência, que sempre revelou em sua vida de artista.

Esperemos que nada haja, na paisagem botocuda, contra alguém que, na maturidade se decide a rever e a reconhecer a essência da sua verdadeira personalidade, sem negar, mas querendo superar ou amadurecer experiências e conclusões da juventude. O que, entretanto, Ivan Serpa está a nos dever, é uma ampla e clara exposição desta fase, e não os excitantes flashes dessa sua revisão de conceitos formais e conteudísticos, em torno da pintura e do desenho, que vem distribuindo irregularmente. A mostra de desenho não basta, no caso. Queremos ver a pintura.